

Literatura comparada na América Latina: marcas de pós-colonialidade na obra *Texaco*

Comparative literature in Latin America: brands of post-coloniality in Texaco

Fabiana Pereira de Assis¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo correlacionar os estudos da Literatura Comparada na América Latina e os da Literatura do Pós-Colonial, identificando as marcas desses movimentos histórico-culturais presentes na obra *Texaco* (1992), do escritor martinicano Patrick Chamoiseau, refletindo, assim, sobre as relações entre tradições locais e universais. No referencial teórico serão considerados os estudos de Coutinho (2003) para tratar sobre a Literatura Comparada na América Latina; Santiago (2019) para pensar o conceito de entre-lugar e do emergir das vozes marginalizadas na literatura; Bhabha (1998), no que se refere à Literatura do Pós-Colonial; e para estudos culturais da Antilhanidade na Martinica, Figueiredo (1998). Trata-se de um trabalho de revisão bibliográfica e de comparativismo. O texto está dividido em quatro partes: a primeira introduz as discussões da Literatura Comparada na América Latina; em seguida aborda aspectos da Literatura do Pós-Colonial; a terceira parte relaciona essas literaturas aos movimentos da Negritude e da Antilhanidade; e a última parte do artigo evidencia alguns aspectos dessas características, incluindo as discussões de Crioulidade em *Texaco*.

Palavras-chaves: Literatura Pós-colonial; América Latina; Caribe.

Abstract: This article aims to correlate the studies of comparative literature in Latin America and those of post-colonial literature, identifying the marks of these historical-cultural movements present in the work *Texaco* (1992), by the Martinist writer Patrick Chamoiseau, thus reflecting on the relationships between local and universal traditions. In the theoretical framework, the studies by Coutinho (2003) to deal with comparative literature in Latin America will be considered, Santiago (2019) to think about the concept of between-place and the emergence of marginalized voices in literature, Bhabha (1998) in what concerns refers to post-colonial literature, and to cultural studies of antiquity in Martinique, Figueiredo (1998). This is a work of bibliographic review and comparativism. The text is divided into four parts, the first introduces the discussions of Comparative Literature in Latin America, then addresses aspects of Postcolonial Literature. The third part relates these literatures to the movements of blackness and antiquity and in the last part it highlights some aspects of these characteristics, including the discussions of creolity in *Texaco*.

Keywords: Post-colonial literature; Latin America; Caribbean.

¹ Graduada em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Roraima (UFRR) e Mestra em Literatura, Artes e Cultura Regional pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Roraima. E-mail: fabisassis@yahoo.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6883-0586>

Introdução

O processo de colonização da América Latina foi um tanto quanto traumático, porque essa região era vista como uma terra a ser explorada por possuir diversas riquezas. A população que habitava a América (geralmente indígena) era vista como selvagem. Diante dessa visão, seus valores, múltiplos pensares e formas de expressão não foram reconhecidos.

Nas colônias, com o processo de produção se desenvolvendo em forma de grandes plantações de café, cana, e o início da extração de produtos naturais e minerais, era preciso que se tivesse mão de obra boa e barata, desse modo, instalou-se pela América Latina o sistema de escravidão, inicialmente indígena e depois o negro, construindo, assim, uma mancha na história da humanidade. Os escravos vindos do continente africano sofriam um processo de silenciamento cultural, ideológico, religioso, de forma semelhante ao vivido pelos nativos.

Conforme surgem os estudos culturais, o contexto de colonialidade vai sendo repensado, e os povos antes silenciados pela imposição eurocêntrica vão gradativamente lutando para serem notados. Nesse movimento foi necessário pensar esse entre-lugar (SANTIAGO, 2019) das vozes marginalizadas, que nasce na Literatura do Pós-colonial. Os objetivos da teoria pós-colonial giram em torno do colonizado e da colônia contra o “eu” dominador. Sua escrita busca ressaltar a força das culturas e das identidades dos povos colonizados.

Diante das reflexões pós-colonialistas surgiram diversos movimentos e manifestos literários pela América Latina, buscando a ruptura com os parâmetros da literatura universal que vinham sendo impostos pelo colonizador. Nesse viés são publicadas obras como *Texaco* (1992), escrita pelo escritor martinicano Patrick Chamoiseau, que traz personagens que narram vivências de um povo que vinha sendo silenciado pelo sistema colonial.

Neste trabalho abordo os estudos de Eduardo F. Coutinho, sobre a Literatura Comparada na América Latina, nos quais o autor reflete sobre algumas teorias comparativistas e a realidade histórico-cultural latino-americana, como as questões identitárias, culturais, etnocentristas, entre outros temas. Coutinho (2003) chama a atenção para o fato de que a literatura latino-americana deve ter perspectiva própria, levando em consideração a realidade do continente e nunca perdendo suas especificidades.

Também serão consideradas as reflexões do teórico e crítico indiano Homi Bhabha (1998), sobre a cultura desse entre-lugar. Ele acredita que o Pós-colonial é o testemunho desses

povos que viviam em contexto de dominação. Entende-se que há uma tomada de consciência desses povos, que agora lutam por meio da literatura, por uma independência cultural.

Os estudos de Eurídice Figueiredo também nos ajudam aqui a fundamentar este trabalho, pois a autora reflete sobre a construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana. Figueiredo (1998) faz um estudo sobre os principais autores da literatura das Antilhas, como Aimé Césaire, considerado pai da Negritude, um movimento literário que reivindicava o orgulho negro, Patrick Chamoiseau e o seu *Éloge de la Créolité*, além de Frantz Fanon e outros estudiosos.

Literatura comparada na América Latina

O termo América Latina não designa somente um espaço geográfico, mais que isso, seu conceito é histórico, cultural, político e sociológico; pode ser compreendido também como um conjunto de povos com trajetórias históricas em comum, desde seu processo de colonização no século XVI. O conceito de América Latina nasceu no início do século XIX, na Europa, mais precisamente em Paris, sob o reinado de Napoleão III. O termo foi criado antes da expedição militar e científica francesa ao México, que tinha um objetivo em particular, uma intervenção Mexicana, na tentativa de expandir seu império político, econômico e cultural, contendo assim, o expansionismo dos Estados Unidos (MARTINIÈRE, 1982).

A discussão que contorna o termo América Latina está no fato de não se ter uma definição exata do que esta seria. Se remetermos à definição pelo campo geográfico, como um conjunto de países da América do Sul e América Central, logo veremos que países como México ficariam de fora, já que esse, mesmo pertencendo geograficamente ao norte é considerado também latino. E ainda suscitáramos dúvidas a respeito do estado soberano do Belize, na América Central, e as ilhas da Martinica e Guadalupe, que são Departamentos Ultramarinos Franceses (DOM), como sendo países latino-americanos. Se observarmos, então, os conceitos pelo ponto de vista cultural, como as nações de cultura latina, temos, ainda, Quebec e Porto Rico como países que poderiam ser incluídos nesse bloco.

Mediante a amplitude da diversidade do que seria a América Latina e sua representatividade para o mundo, cabe-nos ressaltar que no campo da literatura não é diferente, as reflexões dos estudiosos se prolongam a respeito do que seria essa literatura latino-

americana. Eduardo F. Coutinho (2003) acredita que o termo genérico América Latina tem sentido político importante, pois projeta diversos povos na esfera internacional.

As reflexões de Coutinho (2003) sobre a Literatura Comparada Latino-Americana questionam sempre as relações histórico-culturais com a teoria, pois a literatura comparada ajuda a compreender a representação do passado colonialista imposto na América Latina e suas representações culturais múltiplas. Diante dessas reflexões surgem questões a serem pensadas, como identidade, cultura, nação, multiculturalismo, transculturação, etnocentrismo, pós-colonialismo. É com esse olhar de especificidade, de uma literatura que é própria, que nos revela os conflitos da realidade vivida na América Latina, que evidencia o potencial da literatura comparada no continente, assim como afirma Coutinho (2003):

Associando-se à preocupação com a busca de identidade, agora já não mais vista por uma ótica ontológica, mas sim como uma construção passível de questionamento e renovação, a Literatura Comparada na América Latina parece ter assumido com firmeza a necessidade de enfocar a produção literária a partir de uma perspectiva própria, calcada na realidade do continente, e vem buscando um diálogo no plano internacional. (COUTINHO, 2003, p. 39).

A literatura comparada, quando iniciou seu processo de inserção na América Latina, foi atuante, principalmente no discurso da dependência cultural. Mais tarde, com a evolução da disciplina e os questionamentos vindos das diferenças culturais, deram-se às reflexões mais profundas a respeito do continente (COUTINHO, 2003).

O processo de colonização dos chamados países enquadrados no “terceiro mundo” impôs hierarquias de dominação do homem pelo homem, partindo de um processo civilizatório, baseado em diferenças raciais e que foi sustentado pelas metanarrativas opressoras do colonizador para o colonizado.

Resultantes desse processo colonialista, os estudos da América Latina “sempre tomaram ideias e instituições europeias como paradigmáticas e buscaram internalizar a visão de mundo desses povos” (COUTINHO, 2016, p. 1). Inicialmente, segundo os estudos de Coutinho (2003), a literatura comparada estava ligada mais para o “discurso de independência cultural”. Somente mais tarde, passou-se aos questionamentos das diferenças culturais. É nesse viés dos estudos culturais, dedicados às questões relacionadas às tradições, objetos, propriedades, que emergiram os estudos de Literatura Pós-Colonial.

Literatura Pós-colonial

A teoria do pós-colonial tem como objeto de pesquisa o mundo colonial, povos que, dominados por outros povos europeus, viviam em contexto de exploração. Assim, a teoria do pós-colonial pode ser entendida como abordagem, que busca a valorização, a sobrevivência da cultura dos povos dominados através da literatura, resgatando não só a cultura, mas a identidade desses sujeitos enquanto pessoas individuais e coletivas.

Para Homi Bhabha (1998), o sujeito colonizado, ao perceber que não é a representação do que caracteriza o discurso do colonialismo europeu, de forma degenerada e depreciativa, deixa de aceitar que existe uma cultura única e passa a questionar seus próprios valores ideológicos, políticos e sociais. Bhabha também sugere que, ao ocorrerem esses questionamentos, os sujeitos da colônia passam a negar a sua inferioridade, assumindo uma identidade pluralizada.

Nesse contexto, a América Latina (assim como outros continentes) colonizada por espanhóis, portugueses, holandeses, franceses, ingleses, volta-se contra a narrativa eurocêntrica de seus colonizadores e através também da literatura, busca desconstruir o sistema padrão, universal, canônico, que lhe foi imposto, destacando as relações de poder por meio do conhecimento.

A Literatura do Pós-Colonial traz contribuições relevantes aos novos estudos da literatura contemporânea, uma vez que escrever a memória de um povo no seu individual e coletivo enriquece e revela fatos vividos e vivenciados pelos próprios sujeitos.

Dentre esses contributos, podem ser destacados os relevantes estudos de Frantz Fanon (1985), grande pensador negro das Antilhas, que nas suas pesquisas questionou as relações negro/branco. No seu livro, *Peau noire, masques blancs* (Pele negra, máscaras brancas), tentava compreender o que ele chamava de “psicopatologia do negro”.

Não se pode deixar de destacar ainda as teorias apresentadas pelo argentino Enrique Dussel (1977). O filósofo acrescenta novas concepções para o processo de colonização e dominação da América Latina em defesa de grupos marginalizados, como indígenas, negros, além de contribuir na luta pela soberania social, política e econômica dos países colonizados.

Em contexto de América Latina, esses autores têm suas falas emitidas a partir do sujeito colonizado. Mais tarde suas reflexões influenciaram outros pensadores como o indiano Homi

Bhabha (1998), o jamaicano Stuart Hall (2003) e vários outros intelectuais latino-americanos e do mundo.

A Martinica, assim como em outros lugares da América Latina, foi berço de grandes estudiosos que, vivendo em contexto de dominação, refletiram sobre o processo de colonização e, através de suas escritas, possibilitaram uma nova forma da literatura, elevando as vozes subalternizadas das colônias através de suas narrativas.

Nesse viés, destacamos ainda, a relevância dos estudos do ensaísta, poeta-político e escritor martinicano Aimé Césaire. Estudos nos quais ele reivindica o lugar do negro na sociedade, na cultura e na História. Césaire inicia em meados de 1930, ao lado do senegalês Léopold Sédar Senghor, o movimento da Negritude, em que norteava a sociedade negra martinicana à compreensão dela mesma.

Negritude e Antilhanidade

Estudando em Paris, o ensaísta Aimé Césaire observou a vasta diferença entre o branco e o negro francês. Essa diferença era tomada como demarcação de barreiras impostas pelo sistema colonialista e ultrapassá-las era um tanto quanto difícil. Através de seus estudos, Césaire teve contato com estudantes africanos, como Léopold Sédar Senghor e com as culturas africanas.

Ao entrar em contato com estes estudantes do continente africano, Césaire descobriu a ligação existente entre este continente e a Martinica, sua terra mãe. O poeta então inicia uma relação de proximidade entre o continente Africano e os negros martinicanos, chegando à conclusão que as matrizes antilhanas não deviam ser pensadas em separado das africanas.

Em 1939, Césaire lança no jornal *L'étudiant Noir* (O Estudante Negro), a poesia *Cahier d'un retour au pays natal* (O diário de um retorno ao país natal), apontando novas direções na maneira de se pensar sobre o negro. No movimento da Negritude é dado um novo sentido a essa palavra. Negritude em francês deriva da palavra *nègre*, que durante a escravidão negra tinha significado pejorativo e era utilizada geralmente para ofender ou desclassificar o negro. Ao ressignificar a palavra negritude, Césaire também mudava a forma com que o negro se via: não mais à maneira como lhe descreviam (selvagem e depreciativa), mas em uma dimensão muito maior, pois estava associada a uma cultura, uma linguagem, uma identidade, que era preciso ser reconhecida e valorizada.

Para Eurídice Figueiredo (1998), o movimento da Negritude antilhana, idealizado por Césaire, surge de uma contradição, pois o autor percebe a África, continente que ele via como terra-mãe das tradições do povo negro martinicano, a partir do olhar europeu. "De um lado, pela leitura de etnógrafos como Delafosse e Frobenius e, de outro lado, pelo culto das vanguardas europeias à arte negra" (FIGUEIREDO, 1998, p. 24).

Esse olhar influenciou a escrita de Césaire, que passou a relacionar a História e a arte literária de maneira "sobre determinada". Os estudos literários nas Antilhas vinham sendo conduzidos pelo viés europeu, e com o movimento da Negritude passou a reivindicar, assim, a criação de uma identidade negra.

Ainda de acordo com Figueiredo (1993), essa reivindicação emergencial de identidade passa pela mediação da Europa. Citando Jean-Paul Sartre, a pesquisadora reflete que, ao tomar conhecimento do surrealismo, Césaire apropria-se desse legado para mais tarde utilizar contra seus criadores.

Césaire utilizava uma estratégia contradiscursiva em relação ao sistema colonial, pois acreditava que a forma de conseguir fazer com que o homem negro viesse a compreender e aceitar seus valores culturais seria utilizando as mesmas armas de seu colonizador: a linguagem. Diante disso, Césaire apropriou-se dos mesmos recursos do dominador para confrontá-lo.

Dessa forma, podemos ter acesso às literaturas escritas por autores negros, indígenas, de áreas periféricas, mulheres, entre outras, que fazem parte das chamadas margens das sociedades, que foram historicamente silenciadas e, ainda, em dias atuais, lutam para serem reconhecidas.

A escrita desses autores está comprometida com aquilo que os estudiosos do pós colonial como Césaire e o próprio Chamoiseau chamam de "desconstrução de uma literatura universal", tratando-se então de um mecanismo para questionar uma literatura padrão, vinda do colonizador, escrita por mãos brancas, hegemonicamente masculinas, que, na maioria das vezes, deprecia sua cultura, sua religião e cria estereótipos raciais, que ficam estáticos no tempo através de seus personagens.

A escrita do Pós-Colonial, com base no movimento da Negritude e da Antilhanidade, coloca em evidência sujeitos que estão à margem dessa sociedade, que através da literatura passam a desmistificar funções sociais, imagens, condutas, valores, na tentativa de reconstruir uma nova representação para si.

Têm-se escritas reais, ou seja, que retomam temáticas emblemáticas das questões identitárias dos povos colonizados. São escritas vivenciadas por seus próprios sujeitos, ficcionalizando e ao mesmo tempo narrando suas próprias histórias, a exemplo da obra brasileira *Quarto de despejo* (1960), em que a autora Carolina Maria de Jesus registrou cenas de seu dia a dia em um diário, descrevendo as dificuldades de uma catadora de lixo numa favela na cidade de São Paulo ou, ainda, *Texaco* (1992), em que Patrick Chamoiseau põe em evidência a saga de Marie-Sophie Laborieux para tentar salvar a favela que criou.

Neste contexto percebesse um elo com o próprio *Cahier d'un retour au pays natal* de Aimé Césaire quando defende a conscientização da Negritude do antilhano colonizado.

Marcas pós colonial em *Texaco*

Texaco (1992) é um premiado romance escrito pelo ficcionista martinicano Patrick Chamoiseau, que tem como protagonista Marie-Sophie Laborieux, uma mulher, líder do bairro comunitário Texaco, que, com a chegada de Cristo, um urbanista da cidade enviado ao bairro a mando da Prefeitura de Fort-de-France, tenta convencê-lo por meio de um discurso histórico a não demolir o espaço onde vive.

O livro *Texaco* conta, através de sua personagem principal, a história do povo martinicano, durante quatro gerações da família Laborieux. O romance de Chamoiseau narra a história da Martinica, através da oralidade de Marie-Sophie Laborieux na sua saga para conquistar seu lugar na cidade. A narração inicia-se pelo século XIX, chegando até o século XX. A obra é publicada no ano de 1992, retrata de forma ficcional o processo de colonização vivido por um país latino-americano e as consequências deixadas por seus colonizadores.

O escritor Patrick Chamoiseau é um dos grandes contribuidores para o pensamento de uma Literatura Pós-Colonial, também da Negritude e da Antilhanidade. O referido autor denuncia em suas obras as diversas marcas deixadas pelo processo do colonialismo na Martinica. O ensaísta foi autor, juntamente com Jean Barnabé e Raphael Confiant, de um manifesto literário conhecido como o *Éloge de la Créolité*, publicado no ano de 1989. Nele, Chamoiseau chama a atenção para a valorização de uma identidade crioula, através da tradição popular representada por uma literatura oral. Diante disso, principalmente em *Texaco* (1992), é carregado de contadores de histórias, como Marie-Sophie Laborieux, denunciando e apresentando a realidade local e transmitindo pensamento crioulo para o seu leitor.

Em *Texaco* (1992), o autor expõe com naturalidade e precisão fatos narrados do entre-lugar, contexto histórico em que se encontrou a América Latina por algumas décadas. Seus personagens vivenciam essa história em seus cotidianos. Chamoiseau destaca os movimentos da Negritude e do *Éloge de la créolité*, logo, ele traz estratégias contra discursivas pós-coloniais. Como é possível observar no trecho abaixo:

Eu ouvira Basile, a senhora Thelle, o senhor Alcibiade falarem dele como de um preto negro, mais negro do que meu querido Esternome, que poderia ser confundido com esses negros congos semi-imbecis que chegaram recentemente, e que se enterravam nos morros sem sequer terem tocado nas luzes de uma Cidade. Pois bem, esse preto negro conhecia a língua francesa melhor do que um grosso dicionário, cujos erros era capaz de descobrir com uma simples olhadela. Diziam que podia falar com você em francês sem que você compreendesse nem a metade de uma palavra, que sabia tudo sobre a poesia, a história, a Grécia, Roma, as humanidades latinas, os filósofos, em suma, que era mais sábio, mais letrado, mais extraordinário do que o maior crânio branco-França (CHAMOISEAU, 1993, p. 221-222).

Na citação percebem-se as características que marcam a teoria pós-colonial, por apresentar um Césaire cuja enunciação literária inspira Chamoiseau, consciente de sua origem, rompedor das ideologias europeias e defensor do resgate da identidade cultural africana. Como prova disso, o autor do romance *Texaco* cita o poema *Cahier d'un retour au pays natal* como uma das leituras da personagem principal “depois me leu Césaire” (CHAMOISEAU, 1993, p. 324), para encorajar a personagem Marie-Sophie Laborieux a não desistir do sonho de construir *Texaco*.

Chamoiseau foi muito além de só descrever as ideias identitárias pregadas por Césaire. Ele trouxe ao romance a visão do negro martinicano com relação as tais ideias: “[...] ver esse negro tão eminente, tão poderoso, com tantos saberes, tantas palavras, remetia-nos uma imagem entusiasmante de nós mesmos” (CHAMOISEAU, 1993, p. 223).

O autor retrata um diálogo entre a personagem Marie-Sophie Laborieux e o personagem do próprio Césaire, no qual a mesma cita em voz alta trechos do poema:

[...] e há lugar para todos no encontro marcado da conquista, e sabemos agora que o sol gira em torno de nossa terra, clareando a parcela fixada unicamente por nossa vontade, e que qualquer estrela cai do céu na terra diante de nosso comando sem limites [...] (CHAMOISEAU, 1993, p. 325).

Ficam claros para os leitores os elementos característicos do pós-colonial no romance *Texaco*. Assim como afirma Bhabha (1998), os nativos foram alfabetizados na língua do colonizador, o que possibilitou-lhes produzir seus próprios textos, fora do modelo que lhes era imposto, desconstruindo o único modelo literário, e se apropriando da linguagem escrita dos dominantes para novos e diferentes usos.

Chamoiseau introduz na narrativa Aimé Césaire um negro, que estudou no campo do inimigo, aprendeu a língua do inimigo, a crença, a cultura, a ideologia. Agora esse mesmo negro se apropria do discurso do colonizador e passa a questionar, desconstruir e, por fim, atacar. Como podemos observar na citação: [...] Mas seu Alcibiade ficaria impressionado pela personagem pois murmurava-se que André Breton o encontrara e que, diante dele, esse papa do surreal sentira-se pequeno[...] (CHAMOISEAU, 1993, p. 222).

Chamoiseau deixa claro na narrativa o processo de colonização das Américas. Em sua narrativa a referência dos primeiros habitantes da Martinica se faz presente: “[...] eles arrancavam as folhagens, decifravam as raízes, espiavam os últimos caraíbas em suas lutas contra o mar” (CHAMOISEAU, 1993, p. 82). Historicamente, esses povos habitavam as Américas e foram os primeiros a fazerem contato com as embarcações europeias, quando essas desembarcaram por essas terras. Acredita-se que, com o processo de colonização da Martinica pela França, os Caraíbas e Aruaques tenham sido dissipados da ilha. *Texaco* (1993) revela alguns desses acontecimentos ao descrever os tempos de tabas e tijupás, nessa época as casas eram feitas desse material, deixando claro que esse conhecimento veio dos primeiros habitantes e observa que agora existem poucos desses:

Naquele tempo, caraíbas, aruaques, colonos franceses e primeiros escravos africanos viviam em tabas e em pequenos abrigos de folhagens chamados tijupás. Caraíbas e aruaques serão dizimados à medida que aparecerem as plantações de açúcar escravistas e que nascerem as cidades (CHAMOISEAU, 1993, p. 13).

Podemos observar que Chamoiseau, ao narrar acontecimentos vivenciados na Martinica, também descreve os fatos que aconteceram na América Latina. Antes da chegada do “civilizador” já existiam povos que habitavam essas terras. O autor atribui a eles o conhecimento herdado das primeiras construções de casas naquela ilha. Ele também põe em evidência o desaparecimento desses povos na narrativa, já que conforme a colônia foi

produzindo grandes plantações, como a cana-de-açúcar, e as cidades avançam por entre as terras desses povos, cada vez menos caraíbas e aruaques são encontrados.

A escravidão que predominou na América Latina é presença marcada em *Texaco* (1992). O discurso histórico de Marie-Sophie Laborieux inicia-se com a descrição de seu avô como um homem vindo de outro lugar, possivelmente do continente africano, que tinha suas próprias crenças e ideologias. O patriarca da família Laborieux mantinha um confronto face a face com o seu dominador, o bekê², pois era difícil aceitar as imposições desse. Como escravo, era obrigado a trabalhar para manter a fazenda, a servir ao colonizador sofrendo a imposição de suas crenças, ideologias e culturas. Mas o negro africano não abria mão de seus ideais e discursava contra o seu dominador. Como afirmou Chamoiseau, “um combate contra a escravidão” (1993, p. 40.). Chamoiseau revisita em *Texaco* memórias de modo questionador, denunciando e evidenciando os protagonismos das populações que resistiram com ele à colonização.

Considerações finais

Ao escrever o romance *Texaco* (1992), Chamoiseau põe em evidência, através de seus personagens, os acontecimentos históricos, políticos, econômicos, sociais, culturais que envolvem a América Latina; assim como Coutinho (2003) salienta acerca da necessidade de um novo olhar para América Latina, que leve em consideração a sua história.

Quando Chamoiseau escreve uma personagem mulher, negra, narrando uma saga crioula, sua obra pode ser incluída na perspectiva dos estudos pós-coloniais. As reflexões de Homi Bhabha (1998) ressaltam a necessidade de desconstrução que o processo colonizador impôs e Chamoiseau faz isso através de seus personagens.

No âmbito da produção literária, os teóricos pós-coloniais trazem a ideia de desconstrução de uma literatura universal, pois colocam no centro a valorização do outro e, desse modo, iniciam obras na direção da chamada “teoria das diferenças”. Alguns teóricos, como o crítico literário argentino Walter Mignolo (2003), acreditam que é necessário construir o sujeito fragmentado através de um processo de alteridade, ou seja, um processo de valorização do outro, reconhecendo que o colonizador também influencia a construção de sua identidade.

² O homem branco da Martinica (francês ou crioulo) possuidor de muitas terras.

Bhabha (1998) sugere que esse processo de conscientização da condição de colonizado dos povos da América Latina comece quando esses indivíduos passaram a negar a imagem de inferioridade a qual foram forçados a aceitar. Quando esse fato ocorre, o sujeito passa a questionar sua origem, sua memória, suas ações; ele deixa de aceitar que existe uma cultura única, um modelo, um padrão e passa a reconstruir sua própria identidade. Assim, quando essas questões são despertadas, há a reconstrução das literaturas produzidas nos espaços pós-coloniais. Não existe padrão, não existe certo ou errado, mas sim uma mistura das produções literárias para tornarem-se uma nova literatura. Os estudiosos pós-colonialistas consideram as produções desse período de forma não hierarquizada, entendem que essas criações são livres.

A prova do valor aferido às literaturas do Pós-Colonial é que Chamoiseau ganhou um dos mais renomados prêmios dados pela Academia Francesa de Literatura, o Goncourt. Inspirado por Césaire e Edouard Glissant, Chamoiseau defende estratégias pós-Coloniais que reafirmam a identidade literária antilhana e que marcam a América Latina. O autor traz questões vividas pelos personagens, como escravidão, diáspora, identidade, linguagem, buscando a valorização dos povos que sofreram com a colonização. O que faz com que sua escrita seja genuína.

A teoria pós-colonial mostra a necessidade de buscar meios de quebrar as divisões binárias da visão europeu-dominadora, através dessas literaturas questões vividas por toda América Latina entram em foco.

Referências

BHABHA, Home. K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1994.

COUTINHO, Eduardo. F. **Literatura comparada na América Latina: ensaios**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

COUTINHO, Eduardo. **O novo comparatismo na América Latina: reflexos no ensino e na historiografia literária**. Dossiê Confluências Entre Literatura, História e Memória e Outros Campos do Saber. Cascavel: Unioeste. p. 09-23.

CÉSAIRE, Aimé. **Cahier d'un retour au pays natal**. Paris: Présence Africaine, 1939.

CHAMOISEAU, Patrick. **Texaco**. Tradução de Rosa Freira da Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 1993.

CHAMOISEAU, Patrick. **Éloge de la creolité**. Paris: Ed. Gallimard, 1989.

DOMINGOS, Petrônio. Movimento da negritude: Uma breve reconstrução histórica. *In.*: **Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.

DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da libertação**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1977.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEREIDO, Eurídice. **Conceitos de Literatura e Cultura**. 2. ed. Juiz de Fora: Editora Ufjf, 2010.

FIGUEREIDO, Eurídice. **Construções de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: Ed. EdUFF, 1998.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MARTINIÈRE, Guy. L'invention d'un concept opératoire: la latinité de l'Amérique. *In.*: MARTINIÈRE, Guy. **Aspects de la coopération franco-brésilienne**: transplantation culturelle et stratégie de la modernité. Grenoble; Paris: Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme, 1982.

SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos**. Recife: Cepe Editora, 2019.